Comunicação Oral

**NA MEMÓRIA DA TRADIÇÃO: INFORMAÇÃO SOBRE VIDA E OBRA DE
POETAS POPULARES BRASILEIROS**

Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira – UFPB
Maria Elizabeth Baltar Carneiro de Albuquerque – UFPB

Resumo

Apresenta resultado parcial da pesquisa financiada pelo CNPq que objetiva desenvolver ações integradas de pesquisa junto a bibliotecas e institutos de pesquisa no Brasil cujos acervos contemplem a literatura popular com vistas a mapear os poetas populares brasileiros e promover a democratização e acesso à arte e à cultura populares. Tenciona também contribuir para a preservação da literatura popular de cordel no Brasil, desenvolver um banco de dados sobre vida e obras dos poetas populares brasileiros com acesso pela *Internet* e preservar a memória da vida e obra desses poetas assentada na perspectiva teórica da Ciência da Informação, especificamente na relação informação, cultura e memória. Para tanto, tomou-se como análise preliminar a vida e obra do poeta popular Leandro Gomes de Barros. Os resultados apontam para a dimensão do trabalho ainda por se realizar e reiteram a necessidade da preservação da memória por meio do tratamento e disseminação da informação.

Palavras-chave: Informação. Memória. Cultura popular. Leandro Gomes de Barros.

**IN THE MEMORY OF TRADITION: INFORMATION ABOUT LIFE AND
WORKS OF BRAZILIAN POPULAR POETS**

Abstract

This article presents partial results of the research funded by CNPq that aims at developing integrated actions of research with libraries and institutes of research in Brazil whose archives encompass popular literature with the purpose of mapping the Brazilian popular poets and promoting the democratization and access to popular art and culture. It also intends to contribute to the preservation of popular literature named “cordel” in Brazil, by developing a database about life and works of Brazilian popular poets with access by means of internet as well as preserving the memory of life and works of these poets based on the theoretical perspective of Science Information, specifically in relation to information, culture and memory. For this reason, the preliminary analysis focused on the life and works of the popular poet Leandro Gomes de Barros. The results point out for a scope of work to be fulfilled and they corroborate the need for preserving memory by means of treatment and dissemination of information.

Keywords: Information. Memory. Popular Culture. Leandro Gomes de Barros.

1 SITUANDO A PROPOSTA E SUA PROBLEMÁTICA

A presente proposta de pesquisa objetiva desenvolver ações integradas de pesquisa junto a bibliotecas e institutos de pesquisa no Brasil cujos acervos contemplem a literatura popular com vistas a mapear os poetas populares brasileiros e promover a democratização e acesso à arte e à cultura populares. Contribuir para a preservação da literatura popular de cordel no Brasil, desenvolver um banco de dados sobre vida e obras dos poetas populares brasileiros com acesso pela *Internet* e preservar a memória da vida e obra desses poetas constituem-se as metas desta pesquisa. Os produtos da criação literária serão vistos em toda a sua dimensão, incluindo-se aspectos, tais como: função dos documentos, sua forma, seus destinatários, fragmentos de textos, considerando-os como lócus privilegiado de testemunho, memória e história.

De certo modo, elegeu-se toda a produção dos artistas populares brasileiros tomando-a como artefato memorialístico, fonte privilegiada, tornada, ela mesma, objeto deste estudo. Ao percorrer os acervos das instituições parceiras, foram observadas as particularidades da vida de cada poeta e de seu ato criador, constituindo uma identidade, através de sua produção cultural, produzindo informações de natureza cultural, configuradas em documentos que guardam suas memórias, bem como a memória social e da cultura popular.

Com efeito, a produção cultural desses literatos apresenta-se como produtos que, gerados a partir de articulações e construções lógicas, ganham formas nem sempre lineares, porém capazes, em si mesmas, de traduzir, de contar e de (res)significar sua identidade sob a forma de uma organização, o que possibilita uma releitura escritural de uma intimidade posta. Desse modo, pode-se dizer que há uma estreita ligação entre as memórias e as produções literárias dos artistas populares para compreender os aspectos informacionais da cultura popular brasileira.

A análise dessa produção induziu à busca e à adoção do conceito de análise documental que, segundo Aróstegui (2006, p. 508) é “um conjunto de princípios e de operações técnicas que permitem estabelecer a fiabilidade e adequação de certo tipo de informações para o estudo e explicação de um determinado processo histórico”.

Considerando a característica multifacetada da literatura popular brasileira, segundo Borges (2004, p. 23) é estudada “com abordagens variadas em diferentes áreas do conhecimento, possibilitando diversos níveis de leitura e ensejando importantes avanços nas técnicas de documentação e pesquisas”.

A geração de conhecimento e de conceitos em uma determinada área temática, especificamente, na literatura popular estimula pesquisadores a ensinar mecanismos e instrumentos eficazes para a recuperação, preservação, disseminação e acesso às informações. O processo de armazenamento, busca, recuperação e disseminação de informação tem-se alterado significativamente em pouco tempo, determinando uma interação direta e crescente entre os usuários dos sistemas de informação.

A comunicação entre um sistema de informação e os seus usuários é a principal função dos processos de recuperação da informação. Nesse sentido, preservar a memória da vida e obra dos poetas populares brasileiros será possível a partir da interface entre informações [documentos] e sistema, sendo necessário, portanto associar à pesquisa documental, outros modos de fazer. Afinal, a cultura popular engloba um número vasto de produções literárias, algumas vezes de autoria desconhecida e datando de épocas antigas da nossa língua, o que permite considerar sua tradicionalidade.

A distinção do que é popular, nem sempre é apresentada com clareza ao público que passa a restringir seu significado apenas à cantoria ou ao cordel. No entanto, trata-se de uma literatura, de gêneros e formas diversos, feitos pelo povo e para o povo, na linguagem que ele conhece, do jeito que ele sabe dizer, espontânea e simples, porém significativa porque traduz seus valores e ideologia. Se quisermos conhecer uma comunidade, comecemos a estudar suas manifestações populares e aí estaremos penetrando em sua alma.

Nesse sentido, a proposta em questão situa-se no âmbito das pesquisas que envolvem informação, memória e cultura popular especificamente em função do interesse pelos estudos memorialístico que permeiam o campo da Ciência da Informação, na contemporaneidade, em nível nacional, pautando-nos no conceito de Ciência da Informação estabelecido pelas conferências do *Georgia Institute of Technology*, dos Estados Unidos da América, realizadas nos anos 1961 e 1962, como a “ciência que investiga as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam o fluxo da informação e os meios de processar a informação para ótimo acesso e uso”.

Isto posto, cumpre-nos perceber a memória na interseção sujeito/cultura, o que amplia a compreensão da memória como propriedade estática de conservar informações, dando-lhes certo dinamismo, exigência própria para a ação de reconstrução das experiências passadas, já que é esta uma forma encontrada pela sociedade para pensar a si própria, por meio da sua relação do presente com o passado.

Nessa perspectiva pode-se dizer que a memória em sua função social formata-se e se sustenta em uma origem comunicativa, ou seja, ela decifra o que somos hoje, o que já não somos mais. Consequentemente, a importância de preservar elementos patrimoniais como lugar de memória (NORA, 1993), de modo que preservação patrimonial tornou-se foco de discussões no âmbito da sociedade contemporânea e de organismos internacionais a exemplo da UNESCO que em 1992 criou o Programa “Memória do Mundo” com o objetivo de propor ações de criação, manutenção, preservação e disseminação de acervos¹.

Preservar o patrimônio é, portanto, missão inerente à área da documentação. Em face dessa prerrogativa pode-se dizer que bibliotecários, arquivistas, museólogos, historiadores, arqueólogos, restauradores, entre outros profissionais, partilham da ideia de que preservar é preciso. Nesse sentido, observa-se que há uma crescente busca pela preservação patrimonial, sobretudo, quando se atrela o patrimônio às questões memorialísticas.

Por outro lado, a memória, como diz Barros “é a aquisição, o armazenamento e a evocação de informações”. Concepção ampliada por Ricoeur (2007) ao debruçar-se sobre a memória, na obra “Memória, história e esquecimento”, em que inicia sua reflexão considerando a memória como algo isolado, e traz à tona a problemática da continuidade e da descontinuidade. Em outro texto, Ricoeur (1990) vai referenciar a memória como algo que dialeticamente vive um embate permanente entre dois polos: lembrar e esquecer. Estes embora opostos, não se excluem.

Uma das preocupações da sociedade contemporânea é possibilitar a preservação de patrimônios culturais com vista à construção memorialística e identitária. São importantes à construção da nossa história e, juntamente com outras manifestações folclóricas, como danças, folguedos e dramatizações, constituem um patrimônio cultural que precisamos preservar.

Ao referir-se à cultura e ao patrimônio em relação à memória social estabelece-se que: a cultura seja o elemento que a embasa; patrimônio, o conjunto de informações revelador de significados, e o objeto, o mediador das relações e ações sociais formando categoria constituinte ou inerente ao patrimônio. Os traços, os vestígios e anotações são

¹ No Brasil o Comitê Nacional do Brasil tendo sido instalado em 2004 e regulamentado pela Portaria n. 61, de 31 de outubro de 2007.

documentos recheados de memória social “atualizado por circunstâncias, rememorados na dimensão do coletivo que é construção incompleta” (DOBEDEI, 2005, p. 43).

A esse entendimento associamos ainda a compreensão de Fischer (1997), ao referir-se à cultura como expressão identitária e singular de uma determinada sociedade, em que provoca implicações em hábitos e comportamentos, fenômeno da profunda miscigenação e seu “consequente intercâmbio cultural, que dá essa cor local e que implica em práticas e ações que dizem respeito a todos”. (FISCHER, 1997, p. 259).

Esta pesquisa assenta-se na perspectiva de não permitir cair no esquecimento a vida e obra dos poetas populares brasileiros coadunando-se com alguns esforços já existentes no Brasil, sobretudo no que concerne à recuperação e disponibilização de informações sobre esses poetas e suas obras, a exemplo do esforço envidado pela Unicamp, Conselho Nacional de Folclore e Cultura Popular e a Fundação Casa de Rui Barbosa, ambas no Rio de Janeiro; em nível de Nordeste tem-se a Fundação Joaquim Nabuco-PE, que trata de um banco de dados de cordel, com registro apenas de 41 folhetos digitalizados. Em nível de Paraíba, por sua vez, acrescentem-se os esforços dos pesquisadores paraibanos Átila Augusto de Almeida e José F. Alves Sobrinho que resultaram em 1978, na publicação do Dicionário Bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancadas, editado pela Editora da Universidade Federal da Paraíba. O acervo de cordel do Centro de Documentação do Programa de Pesquisa em Literatura Popular (PPLP), vinculado ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal da Paraíba e ao Programa de Pós-Graduação em Letras, reúne, preserva e difunde trabalhos de pesquisadores em Literatura popular em seus mais variados estilos e formas, cujo acervo contempla 8.000 (oito mil) títulos de folhetos de cordel.

Agregue-se a esses esforços, o papel da Biblioteca Átila de Almeida, vinculada à Universidade Estadual da Paraíba em sua sede na cidade de Campina Grande, PB, que congrega entre outras produções 10.021 (dez mil e vinte e um) títulos de cordel e 15.967 (quinze mil, novecentos e sessenta e sete) exemplares.

Apesar desses esforços, observa-se uma lacuna no que tange ao registro memorialístico sobre o poeta popular e suas obras. Isto posto, cumpre-nos dar visibilidade ao poeta popular e à sua obra e, nesse contexto, prever as formas possíveis de pesquisa e recuperação da informação aliando-nos às Tecnologias de Informação e Comunicação como ampliação desse potencial que favorecerá a disseminação de conteúdos sobre vida e obra dos poetas populares brasileiros, alguns dos quais estão totalmente imersos na poeira do esquecimento.

Em face desse entendimento, a presente pesquisa traz como resultado preliminar o mapeamento de aproximadamente, mil e quatrocentos nomes de poetas populares, priorizando neste texto a vida e obra do poeta Leandro Gomes de Barros constante do item 3 deste artigo na peleja da memória e obras que precisam ser preservadas. Consideramos que a preservação e disseminação de conteúdos informacionais sobre vida e obra de poetas populares brasileiros auxiliam na transmissão da cultura, de geração a geração e na apropriação do sujeito dos aspectos do patrimônio cultural. Pela apropriação, o sujeito é capaz de reconhecer-se, transformar-se, assim, exercer seu direito de construir, no tempo presente sua identidade.

É neste aspecto que se fala da importância do Patrimônio Cultural para a formação e exercício da cidadania. O acesso a ele, ao mesmo tempo, constitui-se acesso à fonte de informação sobre os fazeres e saberes sociais e culturais.

1.1 ENTRE INFORMAÇÃO, CULTURA E MEMÓRIA

Entende-se por memória aquele conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, possuem experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado, quer imediato quer remoto. Essa relação está sempre mediada pela experiência, visto que:

A memória possui contextualidade e é possível ser atualizada historicamente [...] é uma representação produzida através da experiência. [...] Ela possui a capacidade de instrumentalizar canais de comunicação para consciência histórica e cultura, uma vez que pode abranger a totalidade do passado, num determinado corte temporal. (DIEHL, 2002, p. 116)

Essa noção está transpassada por um universo simbólico dos mais significativos, já que ela constitui, através de um processo de representação, onde são criados referentes para sua cristalização nas consciências, quer individual quer coletiva, aproximando-a, em muito, da noção de identidade. Entendendo a memória como o encadeamento de elementos que remetem a um passado, real ou fantástico, e que são dados na esfera da consciência individual ou, principalmente, coletiva, que é referendada no reconhecimento dos patrimônios culturais, recuperados. Sendo que esta memória, na condição de construção está intimamente relacionada com a representação, em especial a cultural, de sua própria história (COSTA, 1996). A multiplicidade de memórias presentes na vida cotidiana leva a considerar que:

A questão fundamental continua sendo a dos atributos da memória. Todos sabiam que uma memória não se molda necessariamente a uma ordem cronológica, que ela pode ser irruptiva, projetiva, confusa, contraditória [...] As funções culturais das memórias ditas coletivas não correspondem senão a uma

maneira possível, dentre outras, de estabelecer uma ordem dinâmica de traços mnêmicos. [...].

A memória não deixa de brincar com a identidade, embora mantenha um pacto com ela. Para quem quer que seja, o interesse conferido à lembrança só se torna princípio de satisfação na confusão das evocações nesse emaranhado que chama outras lembranças, ainda que a busca da verdade ou da autenticidade seja a sua finalidade aparente. (JEUDY, 1990, p. 19)

Esse posicionamento leva o conceito de identidade a relacionar-se diretamente com a classificação, como foi indicado por Azevedo Netto (2008), já que é através dela que se inclui ou não determinado elemento dentro de um segmento dado, “identificando-o” com um grupo de coisas semelhantes ou não. Isso leva a relacionar o segundo foco da identidade, que passa, de acordo com Duarte (1997), pela definição filosófica do princípio de identidade, formulado originalmente por Aristóteles, onde um ente não pode, em um mesmo espaço-tempo, ser e não ser. Então:

Sob este ângulo a questão da identidade articula-se com os problemas da dicotomia de indivíduo/sociedade e com seus diversos corolários, entre os quais o da moderna partilha entre os saberes “psicológicos” e os saberes “sociológicos” e - sob um certo prisma – entre os reinos da emoção e da razão. Durkheim é aqui mais uma vez fundamental, dada à especificidade de que se cerca em sua obra o estatuto do “indivíduo” face à realidade e extensão dos “fatos sociais”. (DUARTE, 1997, p. 71)

Neste foco, a identidade passa a ser vista como estreitamente relacionada com o conceito de identificação, já que passa pela esfera relacional, entre o indivíduo e seu grupo e entre os grupos que se relacionam. Portanto, a:

[...] identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. Também para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintivos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural [...] esta identidade resulta unicamente das interações entre grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações. (CUCHE, 2002, p.182)

Essa aproximação simbólica do universo traz para a discussão a noção de documento, como algo que atesta alguma coisa (LEGOFF, 2003) e demanda o seu entendimento a partir da representação, quando eventos, coisas, textos, fazeres ou demais elementos, trazem em si a presença de outros elementos, que se refletem, remetem ou induzem uma ligação. Os atributos desses elementos que estabelecem essa vinculação passam por induções objetivas e subjetivas, coletivas ou individuais, escolhidas ou impostas, mas sempre ocorrem dentro de um contexto de agenciamento, como foi colocado por Jones (2007), onde refletem situações socioculturais e cronológicas definidas, quando ainda se relacionam com a construção de identidades coletivas a partir da memória coletiva (WILSON, 2010). Assim, o documento, independentemente de sua natureza ou suporte, torna-se o elemento que possibilita remeter os eventos do passado a uma construção do presente.

Considerando a informação como artefato, Pacheco (1995) a categoriza como um produto resultante da existência humana, ferramenta produzida e/ou percebida pelo homem, como um dos elementos necessários para a construção do conhecimento. Como artefato, a informação só tem existência quando é percebida como tal, e só é estabelecida esta percepção quando, de algum modo, em alguma circunstância, é criada uma relação de significação. Assim essa relação é efetivada na medida em que:

Se a informação é um artefato ela foi criada num tempo, espaço e forma específicas, que formam um dos contextos pelo qual deve ser interpretada - o contexto de sua geração. Sendo artefato ela pode ser utilizada em um contexto distinto daquele para o qual e no qual foi produzida, sendo, portanto passível de recontextualização. (PACHECO, 1995, p. 21)

Corroborando a perspectiva de Pacheco (1995), Marteleto (1995, p. 90) ao debruçar-se sobre os aspectos da cultura, entende que cultura e informação “são conceitos fenômenos interligados pela sua própria natureza”. Nesse sentido, a cultura assume uma prerrogativa memorialística, especificamente ao revelar-se como espaço de conservação e reprodução de artefatos.

Para Zeman (1970, p. 17), portanto:

A informação é, pois, a qualidade da realidade material de ser organizada (o que representa, igualmente, a qualidade de conservar este estado organizado) e sua capacidade de organizar, de classificar um sistema, de criar (o que constitui, igualmente, sua capacidade de desenvolver a organização). É, juntamente com o espaço, o tempo e o movimento, uma outra forma fundamental de existência da matéria - é a qualidade de evolução, a capacidade de atingir qualidades superiores.

Não é um princípio que existiria fora da matéria e independentemente dela (como são, por exemplo, o princípio idealista da entidade ou o termo da ‘entelêquia’) e sim inerente a ela, inseparável dela.)

Considerando, portanto a cultura e memória e esta como “propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode utilizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 2003, p. 419). Concebemos, então, a memória como conjunto de elementos que, percebidos no presente, remetem-nos a um passado real, efetivados por meio da consciência individual ou coletiva que na visão de Azevedo Netto (2007, p. 9) são referendados “no reconhecimento dos patrimônios culturais, recuperados. A multiplicidade de memórias presentes na vida cotidiana”.

Por outro lado, a relação entre informação e memória, pode ser considerada, na medida em que um determinado conjunto de informações que se referem ao passado de determinadas expressões culturais são reunidas e relacionadas entre si, constantemente

construídas e reinterpretadas, revelam um sentido de compartilhamento desse mesmo passado.

Assim, pode-se exemplificar a relação entre a informação e a memória na multiplicidade de suportes que a informação pode assumir, no seu processo de representação através da cultura material, expressas como documentos e monumentos (LEGOFF, 2003), e aqui representadas pelo conjunto da produção cultural dos poetas populares brasileiros, materializadas em papel e preservadas em várias instituições no Brasil. De outro modo, sendo a memória socialmente construída está vinculada à cultura e a informação.

1.2 LITERATURA POPULAR E MEMÓRIA

O texto popular disponibiliza o oral e o escrito como modalidades de apresentação, sendo o romance, o conto, a cantiga, entre outros, como tipicamente orais e o cordel, escrito. O que não significa dizer que não se possa passar de uma modalidade para outra, como afirma Batista (2005, p. 3): “Mesmo os de origem oral partiram um dia de uma escritura e o escrito (o cordel) tem por finalidade ser lido, cantado, representado”. O folheto de cordel não se constitui apenas de histórias passadas e tradicionais, é, sobretudo, uma produção dinâmica e esta produção é escrita, porém não é transmitida somente por meio de leitura silenciosa e individual.

Ocorre através da oralidade, que se materializa nas leituras comunitárias, fato comum nas regiões rurais do Nordeste do Brasil, graças aos aspectos da musicalidade dos versos presentes nos folhetos.

A oralidade, desde os tempos mais remotos até hoje, sempre esteve presente e o cordel é fruto dessa oralidade, pois foi através das narrativas orais, cantorias e contos que surgiram os primeiros folhetos no Brasil, tendo a métrica, o ritmo e a rima como elementos formais marcantes nesse tipo de literatura. É o elo que na memória individual e na memória coletiva, na medida em que, por meio do oral, as relações socioculturais de uma comunidade vão sendo refletidas e repassadas.

Os inúmeros ritos da cultura tradicional que resistem no Brasil, as histórias, causos, mitos e tantas narrativas do povo constituem a amplitude desse universo. É nele que toda a produção oral é guardada, por anos e anos no imaginário popular.

A literatura de cordel é uma forma da poesia popular impressa. Sofreu influência dos povos espanhóis, franceses e, principalmente, portugueses, cujo termo está relacionado à forma de apresentação dos folhetos, presos em barbantes (cordéis) nas

feiras, praças e mercados populares. Sua origem está ligada à divulgação de histórias tradicionais, narrativas orais presentes na memória popular, chamados romances. Para Menezes (2006, p. 10), a história da literatura de cordel pode ser identificada por pelo menos três períodos bem característicos: no primeiro período boa parte dos textos concentrava-se em torno dos romances de cavalaria; no segundo a inserção do herói popular nordestino, tipicamente rural e no período mais recente, o predomínio de folhetos considerados de acontecimentos.

A literatura popular impressa existiu em diversos países e o cordel correspondia, na França à chamada *Littérature del Colportage* (literatura volante) ou os *Canard*. Na Inglaterra eram denominados *Cocks* ou *Catchpennies* (estórias imaginárias, *Broadsides* (folhetos de época ou acontecidos); na Holanda, *Pamflet* (estórias sobre políticas, economia e militares); nas Américas, os *Corridos* ou *Compuestos*. A literatura popular é marcada muito mais pela poesia do que pela prosa, como afirma Luyten (2005, p. 34): “Desde os primórdios da Idade Média, temos notícias de trovadores e menestrelis vagando de um lugar para outro, cantando as notícias e fatos importantes”.

Observamos que as formas de literatura de cordel eram semelhantes em vários países. As folhas soltas ou volantes como eram denominadas em Portugal e na Espanha por *pliegos sueltos* eram vendidas nas praças, ruas e feiras. Circulava entre ouvintes/leitores com hábitos de leitura em grupo, criando assim adeptos a essa forma poética, em que os fatos ocorridos eram cantados, com linhas temáticas que formavam ciclos, termo utilizado até o presente por estudiosos como forma de classificar os folhetos.

Apesar da nebulosa origem do cordel brasileiro, Câmara Cascudo considera o paraibano Silvino Pirauá de Lima o primeiro poeta (1848) a rimar as histórias tradicionais e a escrever os romances em verso. O romance de sua autoria *Zezinho e Mariquinha*, ou *A Vingança do Sultão*, foi o primeiro folheto de cordel brasileiro publicado no Brasil.

O paraibano de Pombal, Leandro Gomes de Barros, em 1893, deu início à impressão sistemática dos folhetos. Apesar dessa afirmativa, não há registros do primeiro folheto impresso por ele. Em 1921, João Martins de Athayde comprou os direitos autorais do velho poeta, falecido em 1918 e, tornou-se, durante mais de 20 anos, detentor exclusivo dos maiores clássicos da literatura de cordel.

O auge da literatura de cordel, no Brasil, deu-se entre as décadas de trinta e cinquenta do século XX, quando João Martins de Athayde introduziu inovações na

impressão dos folhetos, o que atraiu a atenção dos poetas. Tornou-se editor de folhetos de outros poetas, além dos seus, e criador de uma rede de distribuição desses impressos em todo o país, consolidando, desta forma, o formato no qual até hoje é impresso, de 8 a 16 páginas, em sua maioria, no tamanho 15 a 17cm. x 11cm.

As formas poéticas aliadas à rima, ao ritmo, à métrica e ao tema conferem ao cordel o *status* de obra singular e atraente, ultrapassando as barreiras do tempo, com a utilização de modernos recursos gráficos, chegando à rede mundial de computadores – a *Internet* – que dela se serviram os poetas para veicularem seus folhetos sem, no entanto, perderem sua identidade e tradição, como se observa nos versos de João Batista Melo, em *A internet no reino da rapadura* (2003).

2 NA PELEJA DA MEMÓRIA

Compreendendo o folheto de cordel como artefato informacional e memorialístico, e, fundamentado no aporte teórico metodológico a pesquisa arrola todas as entidades que defendem e preservam a cultura popular brasileira. O pontapé inicial da pesquisa foi o dicionário bio-bibliográfico de repentistas e poetas de bancada da autoria de Átila Augusto Freitas de Almeida e José Alves Sobrinho, publicado em 1978 pela editora da Universidade Federal da Paraíba e um dos poucos do gênero em nível nacional. Entretanto, algumas das biografias registradas impossibilitam uma maior visibilidade e detalhamento da vida e obra desses poetas. Em alguns casos os registros do fazer desses poetas estão na oralidade e na tradição, pois nem sempre dominavam a *lecto-escrita* inviabilizando, assim, o registro de suas próprias experiências, tornando-se necessárias pesquisas em variadas fontes que envolvem desde a oral a documentais.

Em outros casos, a memória referente a alguns poetas populares está disponível em jornais com pequenas reportagens, na documentação de festivais ocorridos no nordeste e também na oralidade. Recuperar tais depoimentos e documentos e congregá-los em um mesmo espaço, ainda que virtual, tratá-los tecnicamente e disponibilizá-los para acesso e uso consiste na capacidade que a Ciência da Informação possui de operar e trabalhar com memória especificamente quando consideramos a estreita relação entre informação e memória e seu processo de representação por meio da cultura material instituídos como documento/monumento (LEGOFF, 2003).

Face a essa compreensão, foi possível identificar, aproximadamente, 1.400 poetas populares e estruturar um *corpus* informacional e memorialístico contemplando

os seguintes elementos: **Identificação** (item que se refere ao nome completo e pseudônimo, quando existente, do poeta popular); **Síntese Biográfica** (construída a partir de pesquisa bibliográfica e outros); **Produção Literária** (refere-se à obra do poeta e ou a ele atribuída); **Bibliografia** (item que se refere a toda a produção acadêmica ou não que aborde o autor e sua obra); **Obra e estilo literário** (campo ainda discutido e em andamento); e **Galeria de imagens** (conjunto de fotografias e reportagens sobre o poeta e sua arte). Para fins deste texto adotamos apenas as três primeiras categorias analisadas. Para a análise e construção deste artigo, adotou-se a pesquisa documental e bibliográfica.

Identificação: LEANDRO GOMES DE BARROS

Síntese Biográfica:

Poeta popular nascido em 1865, na fazenda Melancia, Município de Villa do Pombal, Estado da Paraíba. Pode ser considerado o primeiro poeta popular caso esse título não caiba a Pirauá, que publicou estórias versadas em folhetos. Sua veia poética parece ter surgido aos 15 anos de idade, na Serra de Teixeira, Paraíba, região que imperavam cantadores e glosadores, ao conviver com sujeitos de expressiva significância para a poesia oral no Brasil, dentre os quais merecem destaque Nicandro Nunes da Costa, Bernardo Nogueira, Inácio da Catingueira e Romano Mãe d'água. Aos dezesseis anos de idade transferiu-se para o estado de Pernambuco, onde residiu por longos anos nas cidades de Vitória de Santo Antão, Jaboatão e, posteriormente, Recife. Apesar do pouco domínio da *lecto-escrita*, como ele mesmo afirma na sextilha de A Mulher Roubada, publicada em 1907 no Recife,

Leitores peço desculpa
Se a obra não for de agrado
Sou um poeta sem força
O tempo tem me estragado,
Escrevo há 18 anos
Tenho razão de estar cansado²

ele escreveu mais de mil narrativas, concretizadas através do investimento que realizou na produção, comercialização e veiculação de uma mídia diferenciada que alcançaria todo o Nordeste do Brasil, o folheto de cordel. Viveu exclusivamente de produto de suas histórias rimadas iniciando sua escrita em 1889. Leandro glosava, mas não era repentista; escrevia. E foi escrevendo e vendendo folhetos que sustentou enorme família

² PROENÇA, Manoel Cavalcanti. Antologia Literatura Popular em Verso. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 575.

que construía com D. Venustiniana [Eulália de Souza] Aleixo de Barros. Leandro bebia sem ser alcoólatra e disso nunca fez mistério. Num folheto escreveu sobre suas bebedeiras. É preciso levar em conta que a métrica, a rima e o senso de humor faziam o poeta beber mais nos versos que na realidade. Tinha um espírito crítico e não deixava escapar uma única oportunidade de ler com olhos críticos a realidade. Possibilitando fluir o espírito criativo, utilizava-se frequentemente da paródia, da sátira e da alegoria, para tratar temas da realidade, questões facilmente assimiladas e compreendidas por seus leitores. Leandro produziu cerca de 20 romances de 32 a 48 páginas. Câmara Cascudo em seu livro, *Vaqueiros e Cantadores* (1984), registra que Barros escreveu para sertanejos, matutos, cantadores, cangaceiros, almocreves, comboieiros, feirantes e vaqueiros. Seus versos eram lidos nas feiras, fazendas, sob as oiticicas, no oitão das casas pobres, nas horas do “rancho”, soletrados com paixão, admiração com uma certa dose de fanatismo. Após extensa e significativa produção literária, o poeta faleceu em 04 de março de 1918, deixando sua produção literária para seu genro e também escritor, o paraibano Pedro Batista que publicou suas histórias por volta de 1920, quando a viúva vendeu parte dos direitos autorais ao poeta João Martins de Atayde. Apesar disso, outras pessoas também republicaram seus textos sem conceder-lhe o direito de criação.

Produção Literária

As aflições da guerra da Europa (16 p)
Afonso Pena. A orphã. Uns olhos. O que eu creio (1º vol. 16 p)
A Alemanha vencida. Vitória dos aliados. Os horrores da influenza hespanhola (16 p)
A alma de um fiscal. Continuação da vingança de um filho (16 p)
A alma de uma sogra (completa). As proezas de um namorado mofino (15 p)
Antonio Silvino no jury – Debate do seu advogado (16 p)
Antonio Silvino o rei dos cangaceiros (16 p)
A ausência dos bichos. A defesa da aguardente. Ave-Maria da eleição (16 p)
O azar e a feiticeira. A orphã. Sonho de ilusão. Sonho de um portuguez (16 p)
O balão. As manhas de uma viúva. Os dois amantes. Padre-nosso do imposto (16 p)
Batalha de Ferrabraz com Oliveiros (32 p)
Batalha de Oliveiros com Ferrabraz (37 p)
Bento – O milagroso de Beberibe
Peleja de Antonio Baptista e Manoel Cabeceira (16 p)
Os bichos que falavam (O que vi no tempo que os bichos falavam). O azar na casa do funileiro (16 p)
O boi misterioso (48 p)
Branca de neve e o soldado guerreiro (32 p)
O cachorro dos mortos (48 p)
Canção de fogo (51 p)
Casamento a prestação. O testamento de canção de fogo (16 p)
O casamento de hoje em dias. O azar na casa do funileiro (16 p)
O casamento do velho e um desastre na festa. Vingança de um filho (15 p)
Casamento e divorcio da lagartixa (16 p)
Casamento e mortalha no céu se talha (32 p)
Os coletores da Great Western. A Cançoneta dos morcegos. Peleja de José do Braço com Izidro Gavião (16 p)

O cometa. Romano e Ignácio da Catingueira (18 p)
Como Antonio Silvino fez o diabo chocar. Queixas amorosas (16 p)
Como João Leso vendeu o bispo (16 p)
Consequências do casamento. Encontro de Jovino com Bentinho, no outro mundo. O reino da pedra fina (17 p)
As cousas mudadas. Historia de João da Cruz (4° vol. 16 p)
A criação da aguardente. O reino da pedra fina (conclusão) (16 p)
A crise actual e o aumento do sello. A urucubaca. O antigo e o moderno (16 p)
A cura da quebradeira. O pezo de uma mulher (16 p)
Os defensores dos inocentes de Garanhuns. Villa Nova na prizão (16 p)
Defesa feita pelo Dr. Ibiapina (16 p)
A descrição das mulheres conforme seus sinais (8 p)
O dez reis do governo. Conclusão da mulher roubada. Manoel de Acernal e Manoel Cabeceira (16 p)
O diabo confessando uma nova seita. História de João da Cruz.
O diabo da nova-ceita. A vingança de um filho. A tarde (16 p)
O dinheiro. O casamento do sapo (Gosto com desgosto). Últimas palavras de um Papa na hora da morte (16 p)
Discussão de um pracionero com um matuto (16 p)
Discussão do autor com uma velha de Sergipe (15 p)
O divórcio da lagartixa. Discussão do vinho com a aguardente (16 p)
A dor de barriga de um noivo (18 p)
Doutores de 60. Conferência de Chiquinha com Gregorio das Batatas. Se algum dia eu morrer (16 p)
Echos da pátria. A guerra. Canto de guerra (16 p)
O enterro da política eu bem que dizia (16 p)
Exclamações de Antonio Silvino na cadeia. Antonio Silvino se despedindo do campo (16 p)
Festa do Juazeiro no vencimento da guerra (16 p)
A festa do mercado do Recife. A Índia (16 p)
A filha do pescador (48 p)
O filho da aguardente. Jack no túmulo de Jaurina sua amada (16 p)
O fiscal e a lagarta. O governo e a lagarta contra o fumo (8 p)
A força do amor ou Alonço e Marina (40 p)
O gallo mysterioso, marido da gallinha de dente como derribei o marco do meio mundo (16 p)
Gênios das mulheres. A mulher roubada. Um beijo áspero. (16 p)
Glosas de Chagas Baptista, um poeta do sul e Leandro Gomes de Barros. Um pouco de tudo. Nova-ceita na festa de natal. Dessima do velho Chico do Pão à sua predileta Maria Sete Ranchos. Prodigios da natureza (16 p)
O governo e a lagarta contra o fumo. (15 p)
A guerra, a crise e o imposto. Lembranças do passado (12 p)
História da donzella Theodora (32 p)
História da India Necy (40 p)
História da princesa da pedra fina (32 p)
História da princesa Rosa (16 p)
História de João da Cruz (48 p)
História de Juvenal e o dragão (32 p)
História de Pedro Cem (16 p)
História do soldado jogador (8 p)
História do velho Antonio Alves Cocorete com uma donzella de doze anos. O beija-flor (16 p)
O homem que subiu em aeroplano até a lua (16 p)
O homem que vendeu o santo para jogar no bicho. Uma viagem ao céu (16 p)
Os homens da mandioca. Debate de Josué Romano com Amaro Coqueiro: do Piauí (16 p)
O imposto de honra. O marco brasileiro (16 p)
O imposto e a fome. O homem que come vidro. O reino da pedra fina (16 p)
A ira e a vida de Antonio Silvino. O boi misterioso (2° vol. 16 p)
Juazeiro do Padre Cícero. O cachorro dos mortos (16 p)
As lágrimas de Antonio Silvino por tempestade. O sorteio militar (16 p)
Lamentações do Juazeiro. O cachorro dos mortos (5° vol. 16 p)
O leão na jaula (16 p)
Luta do diabo com Antonio Silvino. Vingança de um filho (16 p)
O mal se paga com o bem (40 p)
Os martírios de Genoveva (48 p)

Os martyrios de Christo. A orphã (16 p)
O mau filho. A força amor (16 p)
As misérias da epocha. O mal em paga do bem queixa geral
A morte de Alonço e a vingança de Marina (40 p)
A morte de tempestade (Antonio Felix). O homem que virou urubu. O reino da pedra fina (17 p)
A morte de uma sogra
A morte do arcebispo de Olinda. Quanto perdeu-se. Pranto dos catholicos (15 p)
A morte do bicheiro. O boi misterioso (5° vol. 16 p)
A mulher do bicheiro. A morte de Alonso e a vingança de Marina (16 p)
A mulher e o imposto. Décima de um portuguez e sua namorada. História de João da Cruz (2° vol. 16 p)
Mulher em tempo de crise. Um sonho de trez horas (16 p)
A mulher na rifa. Vaccina para não ter sogra. Noite phantastica. Chromo (16 p)
A mulher roubada (48 p)
O mundo às avessas. O povo na cruz. A caravana democrática em ação (15 p)
O nascimento de Antonio Silvino. História da Índia (16 p)
A noiva do gato. A vingança de um filho (18 p)
O novo balão. Peleja de José Duda com o Cego José Sabino (16 p)
As orphãs do collegio da jaqueira no Recife. O boi misterioso (16 p)
O padre jogador. A morte de Alonso e a vingança de Marina (2° vol. 16 p)
Um pau com formigas. Conclusão de riachão com turbana (16 p)
Peleja de Manoel Riacho com o diabo (16 p)
Peleja de Romano e Ignácio da Catingueira (16 p)
Peleja de Silvino Pirauá com José Patricio. (16 p)
Peleja de Ulisses Bahiano com José do Braço (16 p)
O poder do dinheiro. A carestia da vida. Crise p'ra burro (16 p)
O preguiçoso que tudo quer sem trabalhar. Sou natural do sertão conhecido por sertanejo. Um pouco de tudo (12 p)
O príncipe e a fada (48 p)
O principio das cousas. O cachorro dos mortos (16 p)
A prisão de Oliveiros (48 p)
As proezas de Antonio Silvino. Os cálculos de Antonio Silvino (16 p)
As promessas do governo. A Índia (16 p)
O Recife. Paródia (16 p)
O rei Miséria. O adeus da aguardente. O reino da pedra fina (16 p)
A religião contra o protestantismo. ABC do romano (16 p)
A ressurreição dos bichos. O segundo debate de Josué Romano e Manoel Serrador (16 p)
O retirante: suas mulher e seus filhos. O caçador e a virgem (16 p)
Roques Matheus do Rio São Francisco (16 p)
O roto na porta do nu. Quem comeu da vacca? (16 p)
As saias calções. Um susto de minha sogra. A defesa da aguardente (16 p)
A secca do Ceará. Panellas que muitos mexem (Os guizados da política) (16 p)
Segundo debate de Riachão com o diabo fingindo em homem chamado mumbança se algum dia eu morrer (16 p)
O sertanejo no sul. Debate de Josué Rumano e João Carneiro (16 p)
O silêncio de Antonio Silvino. Suspiros de um sertanejo
Os sofrimentos de Alzira (48 p)
O soldado jogador. Três quengos finos (15 p)
O sonho de Antonio Silvino na cadeia em que lhe apareceram os almas de todos os que elle matou. Lamentação (16 p)
O sorteio obrigatório. Duas noivas trocadas (16 p)
Suspiro de um sertanejo (16 p)
O tempo de hoje (+) O sorteio militar (16 p)
O tempo de hoje em dia
O testamento da cigana Esmeralda (40 p)
Todas as lutas de Antonio Silvino (14 p)
Trez quengos finos. Vingança de um filho (16 p)
Vaccina para não ter sogra. Peleja de Josué Romano e Manoel Serrador. Recordações (16 p)
O verdadeiro romance o reino da pedra fina. O rei miséria e seus filhos (48 p)
Viagem de João Lezo à serra do céu (uma quengada que lhe rendeu cento e trinta e dois contos de reis) (16 p)

A vida completa de João Lezo. Viagem à serra do céu. Como João Lezo vendeu o bispo (48 p)
A vida de canção de fogo e seu testamento (1º vol. 32 – 2º vol. 32 p)
A vida de Pedro cem. A ressurreição dos bichos (24 p)
A vida dos guabirabas
A vida e novos sermões do padre Cícero (16 p)
A vida e o testamento de canção de fogo (56 p)
A visão de Antonio Silvino. Debate de serrador com Josué (conclusão) (16 p)
A voz do povo pernambucano (16 p)

Bibliografia

- **LIVROS**

PROENÇA, Manoel Cavalcanti. *Antologia literatura popular em verso*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986, p. 575; CURRAN, Mark J. *História do Brasil em Cordel*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998, p. 43.

ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. p. 92.

TERRA, Ruth Brito Lemos. *Memória de lutas - Literatura de Folhetos no Nordeste (1893-1930)*. São Paulo: Global, 1983, p. 40.

LOPES, José Ribamar. *Literatura de cordel*; Antologia. Fortaleza. BNB. 1982, p.19; PROENÇA, 1986, p. 577.

- **Dissertações e Teses**

MAYA, Ivone da Silva Ramos. *O Poeta de cordel e a primeira república: a voz visível do popular*. 2006. 141f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Centro de Pesquisa e Documentação Histórica da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: < <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2134/CPDOC2006IvonedasilvaRamosMaya.pdf?sequence=1>>.

SILVA, José Itamar Sales da. A representação da sogra na obra de Leandro Gomes de Barros. 127f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, Pb, 2010. Disponível em: < <http://pos-graduacao.ascom.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertacoes/Dissertacoes2010/Jos%C3%A9%20Itamar%20Sales%20da%20Silva.pdf>>.

- **Artigo de Periódicos**

MARQUES, Francisco Cláudio Alves. O Poeta popular Leandro Gomes de Barros e a sátira ao discurso burguês-militarista no contexto da primeira república. *Miscelânea* Revista de Pós-graduação em Letras, Marília, vol.9, jan./jun.2011. p. 320-341.

3 A CAMINHO DA CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA, SOCIOCULTURAL E MEMORIALÍSTICA

A política de busca, armazenamento, recuperação e disponibilização de um acervo tem como objetivo estabelecer diretrizes que permitam recuperar conteúdos, a

fim de subsidiar estudos e pesquisas desenvolvidas por pesquisadores, professores, estudantes e comunidade em geral, proporcionando-lhes uma estrutura dinâmica, interativa e atualizada.

Reconhecendo a importância da Literatura de Cordel, como patrimônio histórico e cultural, principalmente do povo nordestino brasileiro, cuja diversidade temática levou-nos a estabelecer critérios de tratamento e organização do acervo.

As bibliotecas, atualmente, vivenciam uma nova cultura informacional para garantir o acesso à informação e aperfeiçoar a sua capacidade de atendimento ao usuário. A recuperação da informação consiste numa multiplicidade de operações consecutivas, da seleção e aquisição de documentos à armazenagem, executadas para localizar a informação necessária ou documentos que a contenham. Organizar e tratar tecnicamente a informação em acervos especializados, como é o caso da literatura popular, é criar formas de representação e recuperação mais eficazes. A recuperação desse acervo possibilita ao usuário identificar os documentos de seu interesse, sendo esta forma um serviço de grande relevância e de fundamental importância para a sua disseminação.

O folheto de cordel com suas características específicas, seus múltiplos temas e expressiva forma de composição poética, merece um tratamento diferenciado na representação dos seus dados. Por conseguinte, há a necessidade de determinar um tratamento para a representação descritiva deste acervo com vista à preservação e disponibilização deste patrimônio cultural. Ao final desta pesquisa pretende-se contribuir efetivamente para a preservação da memória e disseminação de conteúdos informacionais sobre a vida e obra de poetas populares brasileiros por meio da construção de fonte de informação *on-line* que subsidie pesquisas acadêmicas na área de cultura popular bem como dar visibilidade ao poeta popular em suas múltiplas dimensões.

REFERÊNCIAS

ABREU, R. *A fabricação do imortal. Memória, história e estratégia de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

AROSTEGUI, J. *A pesquisa histórica: teórica e método*. Bauru: Edusc, 2006.

AZEVEDO NETTO, C. X. de. Informações e memória: as relações na pesquisa. *Revista História em Reflexão*, Dourados, v. 1 n. 2, p. 5-20, jul./dez. 2007.

BOURDIEU, P. "A leitura: uma prática cultural. Debate entre Pierre Bourdieu e Roger Chartier". In: CHARTIER, R. (Org.). *Práticas de leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

DODEBEI, V. Memória, circunstância e movimento. In: *O que é Memória social?*. Rio de Janeiro: PPG em Memória Social, UFRJ, 2005.

CASCUDO, L. da C. Resumo biográfico dos cantadores: Leandro Gomes de Barros. In: _____. *Vaqueiros e cantadores*, [1984], p 318-319. Disponível em: <<http://www.camarabrasileira.com/cordel12.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2011.

CROSLAND, D. M. Introduction. In: CONFERENCES ON TRAINING SCIENCE INFORMATION SPECIALISTS, 12-13 October 1961, Atlanta. 12-13 April 1962, Atlanta. *Proceedings...* Atlanta: Georgia Institute of Technology, 1962. (Sponsored by the National Science Foundation).

FISCHER, T. A cidade como teia organizacional: inovações, continuidades e ressonâncias culturais: Salvador da Bahia, cidade puzzle. In: MOTTA, F. C. P. ; CALDAS, M. P. *Cultura organizacional e cultura brasileira*. São Paulo: Atlas, 1997.

HELDER, R. R. *Como fazer análise documental*. Porto: Universidade de Algarves, p. 20-24, jan./jun., 2006

JEUDY, H. *Memórias do social*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LEGOFF, J. *História e memória*. Campinas: UNICAMP, 2003.

MARTELETO, R. M. Cultura, educação, distribuição social dos bens simbólicos e excedente informacional. *Informare*, v. 1, n. 2, jul./dez, p. 11-23, 1995.

MIRANDA, W. M. Arquivos e memória cultural. In: SOUZA, E. M de; MIRANDA, W. M. *Arquivos literários*. São Paulo: Ateliê, 2003. p. 35-42.

NORA, P. Entre memória e história; a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo, n.10, p. 7-29, 1993.

OLIVEIRA, M. M. *Como fazer pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2007.

PACHECO, L.S. Informação enquanto artefato. *Informare - Cadernos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 20-24, 1995.

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

_____. *O si mesmo como um outro*. Campinas: Papyrus, 1990.

ZEMAN, J. O Significado Filosófico da Noção de Informação. In: _____. *O conceito de informação na ciência contemporânea - Colóquios Filosóficos Internacionais de Royaumont*. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1970. p. 154-179.